

# O FIM DO MUNDO É NECESSÁRIO: UMA ANÁLISE CONTO “O COMETA” DE W. E. B. DU BOIS

Raquel de Mello Soares<sup>1</sup>

Resumo: É de senso comum pensar no fim do mundo como algo assustador e que deve ser evitado a todo custo, no entanto, se colocamos essa ideia sobre outra ótica e em outro contexto, pode muito bem ser uma solução, uma resposta. Essa é a proposta principal do pensamento Afropessimista, que aparece fortemente no trabalho do escritor W. E. B Du Bois. Sendo assim, o presente artigo tem como enfoque analisar o conto “O cometa” (2021), desse mesmo autor, sobre a ótica afropessimista, com textos como Afropessimismo, de Frank B. Wilderson III (2021) e O Afropessimismo e a antinegitude do mundo, de Marcos Natali (2022); e pensando também na construção e relação dos personagens Jim Davis e Julia, a partir do texto Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano, de Grada Kilomba (2019).

Palavras-chave: Afropessimismo, Distopia, Literatura, Afrofuturismo.

## THE END OF THE WORLD IS NECESSARY: AN ANALYSIS OF THE SHORT STORY “THE COMET” BY W. E. B. DU BOIS

Abstract: It is common sense to think of the end of the world as something scary and that should be avoided at all costs. However, if we put this idea from another perspective and in another context, it may very well be a solution, an answer. This is the main proposal of Afropessimist thought, which appears strongly in the work of the writer W. E. B Du Bois. Therefore, this article focuses on analyzing the short story “The Comet” (2021), by the same author, from the Afropessimist perspective, with texts such as *Afropessimism*, by Frank B. Wilderson III (2021) and *Afropessimism and the Anti-Blackness of the World*, by Marcos Natali (2022); and, also, thinking about the construction and relationship of the characters Jim Davis and Julia, based on the text *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*, by Grada Kilomba (2019).

Keywords: Afropessimism, Dystopia, Literature, Afrofuturism.

### Antes que o cometa chegue

W. E. B. Du Bois (1868 – 1963) foi não só um escritor de ficção estadunidense, como também sociólogo, historiador, ativista pelos direitos civis e editor, possuindo mais de vinte

<sup>1</sup> Doutoranda em Letras (PUC – Rio Grande do Sul). E-mail: [raquel.soares@edu.pucrs.br](mailto:raquel.soares@edu.pucrs.br)

publicações ao todo em sua carreira, tanto literárias quanto acadêmicas:

Em um contexto de escravização colonial ainda latente, mesmo com a abolição da escravização nos Estados Unidos em meados de 1865, nasce William Edward Burghardt Du Bois em 23 de fevereiro de 1868 na cidade de Great Barrington em Massachusetts. [...] Durante um período em que as leis de Jim Crow, que implantavam o cruel regime segregacionista nos EUA, entravam em vigor, Du Bois estava em formação acadêmica e a crueldade dos linchamentos, estupro e assassinatos dos corpos negros matava muito mais do que a pandemia de Gripe Espanhola. (Ramalho, 2023, p. 453)

Além disso, Du Bois foi o fundador da National Association for the Advancement of Colored People (NAACP) e da American Black Academy, tendo esta última o objetivo de debater projetos e trabalhos culturais e artísticos de autoria negra. Também foi líder o Movimento do Niágara, um grupo de ativistas afro-americanos que lutavam por direitos iguais para os negros.

Sua formação política e acadêmica se refletia não só em suas pesquisas como também em seus escritos literários. Um bom exemplo disso é o conto de ficção científica, do subgênero distopia, “O cometa”, publicado originalmente em 1920 no *The Crisis* (revista oficial do NAACP) — e que recebeu uma reedição em 2021, cem anos após a sua publicação, pela Fósforo Editora, juntamente com o artigo de Saidiya Hartman, *O fim da supremacia branca*. Nessa narrativa, acompanhamos dois personagens: Jim Davis, um homem negro e de família pobre que trabalha como mensageiro no banco; e Julia, uma mulher branca e fotógrafa de uma família rica. Durante a passagem de um cometa, os dois se descobrem como os únicos vivos na cidade de Nova Iorque, no ano de 1920, o que os coloca em uma proximidade forçada pelo bem de sua sobrevivência:

O conto fictício, o romance que parece simples em certa medida, é na verdade uma análise social complexa, um retrato afropessimista do panafricanista Du Bois; mostra a desesperança com o fim da estrutura racista colonial da sociedade, chegando à conclusão que apenas o fim do mundo, a morte do mundo pode “igualar” os pretos e os brancos. (Ramalho, 2023, p. 454)

Como colocado acima, o texto de Du Bois (2021) trabalha com vários elementos e conceitos, os quais ele utiliza como forma de criticar a sociedade em que vive, e que, infelizmente, ainda se prova uma realidade mesmo depois de cem anos da primeira publicação do conto. No entanto, um termo se destaca entre todos: o afropessimismo.

Conceito contemporâneo, o afropessimismo surge como uma teoria crítica a partir de debates e pesquisas de intelectuais negros e negras dos Estados Unidos e Inglaterra; destacando nomes como Frank B. Wilderson III, Jared Sexton e Saidiya Hartman, que foram os primeiros a sistematizar essa linha de pensamento.<sup>2</sup> Apesar do que o nome possa causar em uma primeira leitura, ele não surge como um oposto do movimento artístico conhecido como Afrofuturismo; de fato, ambos trabalham com a ideia de reconstrução de mundo e perspectiva, mas partindo de pontos diferentes. Enquanto o Afrofuturismo pensa na (re)construção de narrativas, dentro da ficção científica, para imaginar novos futuros e presentes para o povo negro<sup>3</sup>, o Afropessimismo se constrói na ideia de que apenas na destruição do mundo que conhecemos é que acharemos a solução para o fim da antinegritude e racismo:

2 NUNES, Davi. Afropessimismo: teoria da violência anti-negra. Duque dos Banzos, 2020. Disponível: <https://ungareia.wordpress.com/2020/09/07/afropessimismo-teoria-da-violencia-antinegra/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

3 AFROFUTURISMO. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo#:~:text=O%20termo%20busca%20descrever%20as,de%20escritores%20como%20Samuel%20R.> Acesso em: 14 nov. 2024.

Em comum, entre essas correntes, havia o desafio de pensar um mundo sem a antinegitude, um mundo que não dependesse do racismo como elemento estruturante. [...] Pois a sugestão não é, afinal, que o racismo é uma realidade sublime, uma essência inamovível que atravessa todos os tempos. A ideia é que ele é o fundamento de um paradigma histórico que não se sustenta sem ele. Nesse sentido, Afropessimismo não é o contrário de otimismo, nem seriam excludentes Afropessimismo e Afrofuturismo. (Natali, 2022, p. 733)

Dito isso, o presente artigo tem como objetivo analisar o conto “O cometa”, de Du Bois (2021), pensando nos elementos da corrente afropessimista, a partir de textos como *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba (2019), e *Afropessimismo*, de Frank B. Wilderson III (2021), e entre outros; focando na construção do personagem Jim Davis e sua relação com Julia enquanto ambos tentam sobreviver ao fim da humanidade.

## Cidade fantasma

O conto começa com Jim Davis em mais um dia no trabalho do banco como mensageiro. Todos da cidade sabem que o cometa passará naquela manhã, um cometa dito diferente do periódico Halley — que se torna visível na Terra a cada 75 anos —, algo que é comentado pelo gerente à Jim, quando o mesmo o pede que desça até o subsolo do banco para ver alguns documentos importantes, guardados dentro um cofre: “Claro que queriam que ele descesse até o subterrâneo. Era perigoso demais para homens valiosos” (Bois, 2021, p.7). Jim aceita a tarefa sem muitos comentários e desce as escadas até a escuridão, sozinho.

Desde o início do conto, Jim aponta para a diferença de tratamento que recebe pelos outros, principalmente no seu local de trabalho; eles o veem apenas como um subalterno, um homem de menor valor. Não o encaram nos olhos, passam por ele reto, como se fosse invisível, e

apenas lhe dirigem a palavra quando precisam de algo. E mesmo nesses momentos, a distância entre Jim e o gerente permanece na diferença de patentes no local de trabalho e de classe social, e também na diferença da cor de pele. Como aponta Ramalho (2023, p. 453):

Ele é o invisível na grandiosa Broadway; ele é o que fica na frente de um banco, ele é o homem negro que observa, como se estivesse em outro mundo, a correria dos homens brancos de terno, o movimento do capital. Antes do meio-dia, o presidente do banco pede ao mensageiro que vá à câmara subterrânea buscar dois volumes-arquivos de valor. O homem negro desce sozinho para a escuridão; lá onde o homem significativo não estaria, esse homem invisível sabia o que era; sabia o que seu corpo, sua cor representava.

Afinal, como aponta Wilderson III (2021, p. 53), a escravidão, nos Estados Unidos, não acabou por definitivo em 1865, como a maioria gosta de pensar e afirmar. No papel, provavelmente sim, mas a estrutura escravagista ainda faz suas marcas dentro dos pilares da sociedade em que vivemos — o mesmo vale para o Brasil —; marcas essas que se fazem presentes na forma como os brancos, sendo ricos ou não, do banco tratam e olham para Jim:

A escravidão é uma relação dinâmica — não um evento, e certamente não um lugar como o Sul; assim como o colonialismo é uma dinâmica relacional —, e essa dinâmica relacional pode continuar a existir depois que o colonizador partiu ou cedeu o poder governamental. E essas duas relações são asseguradas por estruturas de violência radicalmente diferentes.

Jim acaba preso no cofre quando a porta pesada fecha enquanto ele ainda está lá dentro. Ele entra em desespero, tentando a todo custo abri-la de novo, sabendo que seus gritos não serão ouvidos ali embaixo. Depois de alguns minutos que pareceram uma eternidade, Jim consegue empurrar a porta e salta para fora, a fechando atrás de si. Só há ele e o silêncio ali embaixo, algo

que não o incomoda; contudo, à medida que vai subindo os degraus, a falta de vozes e movimento parece estranho. Ele encontra um dos guardas do banco aparentemente desacordado, o que faz Jim se sentir desconfiado, mesmo assim, segue seu caminho até o saguão, e assim que chega nota que todos estão caídos sem vida: “A quietude da morte reinava por toda parte, e por toda parte curvavam-se, vergavam-se e estiravam-se as formas silenciosas dos homens” (Bois, 2021, posição 55). Aparentemente, a passagem do cometa soltou gases tóxicos na cidade, intoxicando todos que estavam nas ruas. Como Jim estava no subsolo, e preso dentro do cofre na hora da passagem, não foi atingido, se tornando, até o momento, o único a sobreviver.

Ele fica, em uma primeira impressão, enjoado ao ver todos aqueles corpos que até pouco tempo atrás estavam andando pelos ambientes do banco, como num dia qualquer. Porém, em seguida, Jim se depara com a sensação de medo e inquietude: e se o descobrissem ali, cercado de corpos de pessoas brancas? Jim é o único homem negro no local, e ele sabe que a polícia não precisa de muito para prender e atirar em alguém como ele. Não importaria nada sua inocência nem seu alibi. Nauseado e assustado, Jim foge para fora, e encontra, para o seu horror, mais pessoas mortas, atiradas nas calçadas, ruas e dentro de seus carros. A cidade se tornou deserta e vazia.

Ele corre então em busca por sobreviventes pelas ruas, sem muito sucesso, até que escuta os gritos desesperados de uma mulher — Julia —, vindos de um dos prédios. Jim corre até lá e, assim que ela abre a porta, há um momento de pausa, reconhecimento no encontro entre ambos: uma mulher branca e um homem negro:

Olharam-se por um momento em silêncio. Ela não tinha notado que ele era um preto. Ele não pensara nela como branca. Era uma mulher de talvez vinte e cinco anos — particularmente bela e vestida com requinte, de cabelos louros e joias. Ela encarou-o. Ontem, ele pensou com amargura, ela mal o teria olhado. Ele não

passaria de um punhado de sujeita sob seus pés sedosos. [...] Não que ele não fosse humano, mas habitava um mundo tão distante do dela, tão infinitamente distante, que raramente fazia parte de seus pensamentos. (Bois, 2021, p. 11)

Nesse breve momento que une os dois personagens até o fim da narrativa, vemos novamente as barreiras que os separam, as mesmas que colocavam Jim num lugar outro em relação aos outros funcionários do banco. Mas é interessante perceber que nessa cena a primeira reação de ambos não é notar que sua cor de pele é diferente, essa impressão vem apenas depois, que é quando um analisa o outro em silêncio, apenas com o olhar. Como Jim mesmo aponta, em um dia comum, Julia nem olharia em seu rosto; no entanto, ali, em meio ao caos e morte, os dois encontram alívio assim que ela abre a porta. Não estão sozinhos. Há então esse limiar entre união e separação entre os dois personagens, que vai sendo explorado ao longo do conto, como se verá neste artigo.

Grada Kilomba (2019), em seu livro *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, cita e explica os cinco mecanismos de defesa do ego — proposta de Paul Gilroy — que o sujeito branco passa até conseguir alcançar a consciência de sua branquitude. Seriam eles: negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Pensando nisso, podemos aplicar cada um desses em momentos diferentes do conto na construção de Julia ao longo da narrativa, em sua relação com Jim. Sendo assim, nesse primeiro encontro entre os dois, ela estaria no primeiro mecanismo/estágio:

Negação (*denial* em inglês, no sentido de recusa) é um mecanismo de defesa do ego que opera de forma inconsciente para resolver conflitos emocionais através da recusa em admitir certos aspectos mais desagradáveis da realidade externa, bem como sentimentos e pensamentos internos. Essa é a recusa em reconhecer a verdade. [...] Como expliquei anteriormente, o *sujeito* nega que ela/ele tenha tais sentimentos, pensamentos

ou experiências, mas continua a afirmar que “outra” pessoa os tem. (Kilomba, 2019, p. 43)

Julia assim que toma consciência de quem é Jim, aponta em seus pensamentos que o percebe como um homem diferente dos dela, reconhecendo a diferença entre eles. Contudo, esse reconhecimento é apenas em relação a como ela vê Jim e sobre a posição que eles ocupam na sociedade; ela ainda o vê como inferior, como sendo algo natural da sua realidade. Ainda sem reconhecer o racismo estrutural da sociedade, nem suas atitudes que reforçam isso. Ou seja, Julia não tem consciência, até aquele momento, de sua própria branquitude e dos efeitos disso no todo.

Sem muitas opções, e cheios de medo, Jim e Julia se unem em busca de outros sobreviventes. Ela procura seu pai e seu noivo, já ele procura a esposa e o filho — fato que só fica claro ao final do conto. Jim então pega um carro abandonado para que eles possam dirigir pela cidade e procurar com maior facilidade. Ele leva Julia até o prédio em que o pai dela trabalha, onde espera encontrar seu noivo também, porém não há sinal de nenhum dos dois ali. Nem mortos nem vivos. Em seguida, Jim para em frente a um prédio, sem explicar nada para Julia, nem mesmo o narrador nos revela seus motivos; ele retorna um tempo depois, cabisbaixo, sem sorte, e enfia algo no bolso — que depois sabemos ser uma touca de bebê. Julia assume a direção do carro e eles vão em rádios e outros pontos de transmissão, com o objetivo de entrar contato com outras cidades.

No primeiro lugar em que param para tentar contato, Julia não consegue ouvir nenhum sinal do outro da linha, e Jim não encontra ninguém por ali dentro também. Nesse momento, ela tem uma percepção que a apavora profundamente:

Pela primeira vez ela pareceu se dar conta que estava sozinha no mundo com um estranho, com algo mais que um estranho — um pária por seu

sangue e sua cultura — desconhecido, talvez indecifrável. Era terrível! Ela precisava escapar — precisava fugir. Ele não deveria vê-la novamente. Quem saberia, que pensamentos horríveis... (Bois, 2021, p. 14)

Com esses pensamentos em mente, Julia foge do local e de Jim, correndo por algumas quadras, mas retorna para o mesmo lugar, pois não há para onde ir, só há ele e ela no mundo no momento. Encontra Jim a sua espera, sem dizer nem perguntar nada, então entra no carro e ambos saem para mais buscas.

Não ficamos sabendo o que Jim pensou da fuga de Julia nem de seu retorno. No entanto, podemos supor que, de certa forma, ele saiba os motivos que levaram a tal ato impulsivo. Afinal, vemos desde o início do conto Jim apontar a discrepância de tratamento para com ele de todos os outros da cidade — maioria branca —; sendo assim, ele sabe que Julia não o vê da mesma forma que veria homens da mesma posição e cor de pele que ela. Julia o teme, se sente insegura com ele, mesmo que Jim nunca tenha dado nenhum indício de comportamentos violentos ou tenha feito algo diretamente que incitasse a sua desconfiança:

O *sujeito negro* torna-se então tela de projeção daquilo que o *sujeito branco* teme reconhecer sobre si mesmo, neste caso: a ladra ou o ladrão violento/a, a/o bandida/o indolente e malicioso/a. Tais aspectos desonrosos, cuja intensidade causa extrema ansiedade, culpa e vergonha, são projetados para o exterior como um meio de escapar dos mesmos. (Kilomba, 2019, p. 37)

É provável, pelo que vemos de Julia, que, se no lugar do Jim, a última outra pessoa na cidade fosse uma pessoa branca desconhecida, ela não se sentiria tão assustada.

Ao retornar, podemos notar, pela descrição do narrador, que Julia não sente orgulho do que fizera. Ela não consegue dizer nada a Jim, mesmo sabendo que ele não perguntara nada a ela, nem mesmo com o olhar. Pensando nos

mecanismos de manutenção do ego citados mais acima, aqui podemos dizer que Julia chegou no próximo nível:

Após a negação, vem a culpa, a emoção que segue a infração de uma interdição moral. Esse é um estado emocional no qual o indivíduo vivencia o conflito de ter feito algo que acredita que não deveria ter feito ou, ao contrário, de não ter feito algo que deveria ter sido feito. [...] Culpa é vivenciada em relação a um ato já cometido, ou seja, o racismo já aconteceu, criando um estado emocional de culpabilidade. (Kilomba, 2019, p. 44)

Aos poucos, Julia vai tomando conta da estrutura social em que está inserida e a forma como a sua percepção de mundo afeta Jim em vários níveis. Ela o julgou, mesmo que inconscientemente, pela sua pele e classe social assim que o viu, e o colocou numa posição de homem perigoso. No entanto, forçada pela situação de solidão e sem lugares mais para fugir, Julia vai se afastando aos poucos dos seus preceitos, que como apontou Jim, a levava a, antes, jamais se dignar a olhá-lo nos olhos; e vai se aproximando do reconhecimento e, quem sabe, da reparação também.

Depois de muito rodarem e muito procurarem, não conseguiram nenhum sinal de vida nas proximidades. Já anoitece na cidade de Nova Iorque, e ambos estão cansados, desesperançosos e sentindo o peso do vazio e do silêncio. Sendo assim, eles resolvem retornar para o prédio do pai de Julia, caso ele ou o seu noivo apareçam. Sobem, então, no topo do prédio, e resolvem atirar alguns sinalizadores, para chamar atenção de quem quer que fosse, já que os rádios não tiveram efeito. Jim busca também um pouco de comida para os dois, e oferece para Julia, que aceita de bom grado, já mais próxima dele do que antes. Enquanto esperam por uma resposta e pelo raiar do dia, conversam um pouco entre si, de maneira reflexiva, e reconhecem, pela primeira vez, em voz alta, as suas diferenças de classe e raça:

“Você teve que trabalhar duro”, ela perguntou com suavidade

“Sempre”, ele disse.

“Eu sempre fui à toa”, ela disse. “Era rica.”

“Eu era pobre”, ele quase ecoou.

[...]

“Sim”, ela disse devagar, “e como nossas distinções humanas parecem tolas agora”, encarando a grande cidade morta que se estendia abaixo, nadando em sombras apagadas.

“Sim. Ontem, eu não era humano”, ele disse. (Bois, 2021, p. 16)

Eles se abrem um para o outro com sinceridade, colocando as “cartas na mesa” por assim dizer, apontando para as barreiras que os colocavam em mundos separados mesmo vivendo na mesma sociedade e cidade. Julia então passa a enxergar seus privilégios de mulher branca e rica; além disso, passa a ver Jim não mais como um pária, e sim como ser humano, alguém muito mais próximo dela do que era antes de tudo aquilo começar. Aqui ela admite mais uma vez que o via de forma inferior, menor, e percebe, enfim, que essa imagem que criou de Jim não é a realidade de quem ele é. Sendo assim, Julia avançou mais um passo dentro dos mecanismos:

*Vergonha*, por outro lado, é o medo do ridículo, a resposta ao fracasso de viver de acordo com o ideal de seu próprio ego. Enquanto a culpa ocorre se o indivíduo transgredir uma interdição derivada do seu exterior, a vergonha ocorre quando o indivíduo falha em atingir um ideal de comportamento estabelecido por si mesma/o. A vergonha está, portanto, conectada intimamente ao sentido de percepção. [...] O *sujeito branco* se dá conta de que a percepção das pessoas *negras* sobre a branquitude poder ser diferente de sua percepção de si mesmo, na medida em que a branquitude é vista como uma identidade privilegiada — o que significa tanto poder quando alerta — a vergonha é o resultado desse conflito. (Kilomba, 2019, p. 45)

Julia não tenta corrigir Jim em suas alegações, e até mesmo as reafirma, chegando à

conclusão de que a sua percepção de mundo e a dele não são as mesmas. Assim como é oposta a maneira com a qual enxergam suas diferenças, o que leva a mulher a raciocinar com mais intensidade sobre a posição em que se encontra no mundo e na sociedade; e também a posição que essa mesma sociedade colocou Jim e outros como ele.

Nessa mesma conversa, ambos chegam a uma conclusão: que a morte nivela e revela. Ou seja, a situação de morte e desespero, em que talvez não haja ninguém mais no mundo além deles dois, os colocou um do lado do outro; e sem mais opções, foram obrigados a se unir pela sobrevivência. E, nessa união, com a morte do mundo que eles conheciam, as antigas barreiras que os separavam anteriormente já não existem mais; classe, raça, nada disso importa. Essa é, como mencionado no início deste artigo, uma das bases do pensamento afropessimista: “Conclui-se com isso, que, enquanto a destruição de outras formas de opressão levaria à destruição de partes do mundo, o fim da antinegitude seria a destruição de todo o mundo” (Natali, 2022, p. 736).

Quando se menciona a destruição do mundo, muitos podem interpretar como algo radical e violento, um exagero até; contudo, a questão aqui é a de que, em uma sociedade que se favorece com o sistema escravagista e com o racismo, talvez a única solução seja, de fato, reconstruir. E para que se possa reconstruir, é preciso, primeiro, destruir o antigo sistema. Aqui, no conto de Bois (2021), essa destruição se deu pela morte de boa parte da população do planeta. Ou seja, “o problema não está no Afropessimismo, mas no desejo de conservar o mundo como ele é, e nesse caso quem teria algo a explicar seria quem não deseja criar outro mundo — um mundo que não dependa do racismo e que esteja fundamentado na antinegitude” (Natali, 2022, p. 739).

Nesse momento, Jim e Julia se tornam apenas um homem e uma mulher no fim de tudo,

que talvez tenham que recomeçar a humanidade do zero. Um novo mundo está para surgir agora:

Pouco antes do meio-dia, a destruição do mundo lhe concederá a chance de ser um humano como os outros homens. O brilho estranho e a música em tom menor produzidos pelo colapso da ordem, pela catástrofe, vão oferecer a promessa da vida negra incontestável. (Hartman, 2021, p. 24)

Julia já não enxerga mais Jim como um homem distante e diferente de sua realidade, e sim um igual, próximo; finalmente o humanizando por completo. Assim, Julia atinge os últimos mecanismos de manutenção: o reconhecimento, que representa “o momento em que o *sujeito branco* reconhece a sua própria branquitude e/ou racismo”<sup>4</sup>; e por fim, a reparação: “é o ato de reparar o mal causado pelo racismo através da mudança de estruturas, agendas, espaços, posições, dinâmicas, relações subjetivas, vocabulário, ou seja, através do abandono de privilégios”<sup>5</sup>.

Contudo, essa reparação não se consolida por completo. Enquanto Jim e Julia estão no terraço, já aceitando o seu destino de últimos sobreviventes, o pai e noivo de Julia os encontram no terraço. Assim que o enxergam, o veem como criminoso, e temem pela segurança dela; a primeira suposição do noivo é que Julia, estando todo aquele tempo sozinha com Jim, pode ter sido violentada. Porém, ela logo o declara como seu salvador, só que, agora, distante novamente; Julia não encara Jim nos olhos quando fala, voltando ao seu estado inicial antes da passagem do cometa. Afinal, com seu pai e seu noivo vivos, ela pode voltar para seus privilégios sem culpa. Ao passo que Jim retorna a sua posição de menos que ser humano, que é reforçada mais ainda quando ele se depara com mais sobreviventes no saguão do prédio, ao descer com Julia e sua família:

4 (Kilomba, 2019, p. 45)

5 (*Idem*, p. 46);

“Um crioulo? Onde ele está? Vamos linchar o maldito...”

“Cala a boca! Ele é um cara decente. Salvou ela.”

“O diabo que salvou! Ele não tinha nada que...”

“Lá vem ele.”

Sob o clarão das luzes elétricas, o homem de cor movia-se lentamente, com olhar sonâmbulo. (Bois, 2021, p. 19)

Eles, Jim e Julia, se separam, e nós nos deparamos com o fato de que, no fim, nada mudou, o mundo ainda é o mesmo. Enquanto caminha pelo saguão, diante dos olhares e cochichos as pessoas brancas, Jim retira do bolso a touca de bebê, a amassando com os dedos, pensativo. E então, o ato final do conto: a esposa de Jim aparece no local, segurando no colo um bebê morto. Eles se encontram e se abraçam, em meio a tristeza e o alívio.

## Depois do fim do mundo

O texto de Bois (2021), apesar de ser uma narrativa curta, dá conta de uma gama gigante de questões que nos fazem refletir sobre o tipo de mundo em que queremos viver e que queremos deixar para as próximas gerações.

O desfecho do conto carrega grande significado no contexto em que a história se insere, e há muito o que podemos pensar em cima disso. Uma das coisas que se pode perceber é que, enquanto Julia volta para seu mundo e tem a chance de construir um futuro junto com seu noivo, assim como todas as outras pessoas sobreviventes da cidade — que assumimos durante a leitura serem todas brancas —; o futuro de Jim e sua esposa foi cortado com a morte de seu filho ainda pequeno:

Um desfecho fácil para um conto distópico? De forma alguma. O cadáver-bebê coloca em dúvida qualquer esperança de futuro, uma vez que a linha genealógica termina de modo abrupto e prematuro nos braços dela, a criança morta atenua a visão daquilo que poderia ser, priva-os de procriação e legado, sugere a falha dela em nutrir e proteger. (Hartman, 2021, p. 34)

Hartman também aponta que a restauração da cidade, depois da descoberta de mais sobreviventes para além de Jim e Julia — fato que não é explicado na narrativa —, nos dá a ideia de que talvez não exista a possibilidade de futuros negros nesse mundo. Afinal, o mundo, na verdade, não será realmente reconstruído, ele vai apenas passar por uma manutenção que não tem o objetivo de mudar seu antigo formato. A não morte do mundo impossibilita a ideia de recomeço, sendo assim, a humanidade seguirá do jeito que sempre foi; o que, para Jim, e também para sua esposa, significa seguir sendo considerados menos que humanos em comparação aos brancos da cidade.

Julia, por sua vez, teve a possibilidade de quebrar com sua antiga visão de mundo e olhar para dentro de si mesma, para sua branquitude e posição privilegiada dentro da sociedade; assim como teve a chance de ver Jim para além das lentes da antinegitude e racismo. Mesmo assim, no instante em que sua “bolha de segurança” foi reestabelecida com a aparição de seu pai e noivo, assim dos outros como ela, Julia não pensou duas vezes antes de voltar para o seu estado inicial do conto, uma posição confortável para ela; e uma posição de desconforto para Jim. Ou seja, por que ela trocaria o seu mundo por um outro novo mundo se, para ela, o jeito como a sociedade funciona lhe é tão benéfico?

Apesar de não se consolidar o fim do mundo e o final cortar qualquer tipo de esperança de um futuro para Jim — um futuro em que ele e sua esposa tenham um lugar como todos os outros habitantes da cidade —, o conto ainda serve ao propósito de exemplificar os ideais do pensamento afropessimista. Não pelo fato de seu desfecho nos trazer uma quebra de expectativa e ser pouco otimista, e sim pelo fato de que nos prova na prática, com a narrativa, que a única solução viável para o fim dos pilares racistas em que se sustenta a nossa sociedade, é destruição completa do mundo, para que se possa, então, criar outro no lugar. E essa percepção só se faz óbvia para os atingidos por esse sistema, no

caso de Jim e sua esposa, enquanto os outros permanecem seguros na sua bolha de privilégios.

Por isso, a importância de um movimento como o afropessimista, já que:

O afropessimismo é o povo negro no seu auge. “Bravos com o mundo” é povo negro no seu auge. O afropessimismo nos dá a liberdade de dizer em voz alta o que, de outro modo, iríamos sussurrar ou negar: que não há negros no mundo, mas que, pelo mesmo padrão, não há um mundo sem os negros. (Wilderson III, 2021, p. 52)

O Afropessimismo, nesse sentido, anda lado a lado com os preceitos do Afrofuturismo, pois, para que se possa ter um futuro reconstruído e repensado para o povo negro, é preciso que se destrua todas as condições contrárias que impedem o sucesso deste mesmo futuro.

Ou seja, do caos distópico é possível construir, assim, o começo de uma utopia.

## Referências

AFROFUTURISMO. Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/afrofuturismo#:~:text=O%20termo%20busca%20descrever%20as,de%20escritores%20como%20Samuel%20R.> Acesso em: 14 nov. 2024.

BOIS, W. E. B. Du. *O cometa; O fim da supremacia branca* (Saidiya Hartman). Tradução de André Capilé, Cecília Floresta. São Paulo: Fósforo, 2021.

NATALI, M. *O Afropessimismo e a antinegitude do mundo*. Afro-Ásia, Salvador, n. 66, p. 729–739, 2022. DOI: 10.9771/aa.v0i66.52097. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/52097>. Acesso em: 11 nov. 2024.

NUNES, Davi. Afropessimismo: teoria da violência antinegra. *Duque dos Banzos*, 2020. Disponível: <https://ungareia.wordpress.com/2020/09/07/afropessimismo-teoria-da-violencia-antinegra/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

[com/2020/09/07/afropessimismo-teoria-da-violencia-antinegra/](https://ungareia.wordpress.com/2020/09/07/afropessimismo-teoria-da-violencia-antinegra/). Acesso em: 12 nov. 2024.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad.: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

RAMALHO, S. M. Resenha: O cometa de W.E.B. Du Bois e O fim da supremacia branca de Saidiya Hartman. *Captura Crítica: direito, política, atualidade*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 452–462, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacritica/article/view/5779>. Acesso em: 1 nov. 2024.

WILDERSON III, Frank B. *Afropessimismo*. Trad.: Rogerio W. Galindo, Rosiane Correia de Freitas. São Paulo: Editora Todavia, 2021.

**Submissão: março de 2025.**

**Aceite: abril de 2025.**